

**WILLIAN DOUGLAS GUILHERME
(ORGANIZADOR)**



**A EDUCAÇÃO COMO DIÁLOGO
INTERCULTURAL E SUA RELAÇÃO
COM AS POLÍTICAS PÚBLICAS 2**

Atena
Editora
Ano 2020

**WILLIAN DOUGLAS GUILHERME
(ORGANIZADOR)**



**A EDUCAÇÃO COMO DIÁLOGO
INTERCULTURAL E SUA RELAÇÃO
COM AS POLÍTICAS PÚBLICAS 2**

Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
 Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
 Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
 Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
 Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
 Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
 Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
 Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Douglas Santos Mezacas -Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
 Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
 Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
 Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Me. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
 Profª Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
 Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
 Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Posaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E724 A educação como diálogo intercultural e sua relação com as políticas públicas 2 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86002-57-7

DOI 10.22533/at.ed.577201903

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
3. Educação – Inclusão social. I. Guilherme, Willian Douglas.

CDD 370.710981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior | CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná - Brasil

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book “A Educação como Diálogo Intercultural e sua Relação com as Políticas Públicas” reuni pesquisas entorno de um debate atualizado e propositivo sobre a educação no Brasil. Apresentamos um conjunto de resultados e propostas que visam contribuir com a educação brasileira a partir de um diálogo intercultural e suas relações com as políticas públicas em educação.

São 108 artigos divididos em 5 Volumes. No Volume 1, os artigos foram reunidos em torno de temáticas voltadas para Políticas Públicas, Gestão Institucional e História e Desafios Socioeducacionais, totalizando 20 textos inéditos.

No Volume 2, os temas selecionados foram Educação Superior e Formação de Professores. São 21 artigos que chamam para um diálogo propositivo e instigante. O índice é um convite a leitura.

Compõe o Volume 3, 25 artigos em torno das temáticas Prática Pedagógica, Educação Especial e Interdisciplinaridade. Este volume é bem crítico e traz propostas inovadoras que merecem atenção especial do leitor.

O Volume 4 traz 20 artigos bem estruturados e também inéditos que discorrem sobre práticas e propostas para a prática do uso das tecnologias em espaço escolar e da Educação de Jovens e Adultos.

Fechamos a obra com 22 artigos selecionados para o Volume 5, agrupados em torno das temáticas do Ensino Fundamental, da Educação Infantil e de Gênero e Racismo.

A obra “A Educação como Diálogo Intercultural e sua Relação com as Políticas Públicas” está completa e propõe um diálogo útil ao leitor, tanto no desenvolvimento de novas pesquisas quanto no intercâmbio científico entre pesquisadores, autores e leitores.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

CAPÍTULO 1	1
ESTRESSE EM ACADÊMICOS DA ÁREA DA SAÚDE: UM ESTUDO DE CARACTERIZAÇÃO	
Thaís Cristina Gutstein	
Graciane Barboza da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5772019031	
CAPÍTULO 2	13
EXPERIMENTAÇÃO NO ENSINO DE POLÍMEROS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PIBIC-EM	
Mary Leiva de Faria	
Fernanda Cenci Queiroz	
Vitor Senna Silvério	
Ítalo de Barros Rodrigues	
Patrícia Ribeiro Mattar Damiance	
DOI 10.22533/at.ed.5772019032	
CAPÍTULO 3	21
HISTOLOGIA AO ALCANCE DAS MÃOS (PELE E SEUS ANEXOS)	
Fátima Cristina De-Lazari Manente Balestieri	
Tatiane Zaratini Teixeira	
Mônica Maria Bueno de Moraes	
Joseana Stecca Farezim Knapp	
Milena de Araújo Fróio	
DOI 10.22533/at.ed.5772019033	
CAPÍTULO 4	30
O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO E A CONSTRUÇÃO DA PRÁXIS EDUCATIVA NO CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA	
Lidnei Ventura	
Roselaine Ripa	
Klalter Bez Fontana	
DOI 10.22533/at.ed.5772019034	
CAPÍTULO 5	42
SUPERVISÃO EDUCACIONAL NO GRAU SUPERIOR – NECESSIDADE EMERGENTE	
Adelcio Machado dos Santos	
Audete Alves dos Santos Caetano	
DOI 10.22533/at.ed.5772019035	
CAPÍTULO 6	57
TESTES DE PERSONALIDADE E SUA CONTRIBUIÇÃO NA SALA DE AULA E NAS ATIVIDADES DE CULTURA E EXTENSÃO PARA APOIAR O ENSINO E APRENDIZAGEM EM ENGENHARIA: UM RELATO DE CASO	
Luís Carlos Passarini	
DOI 10.22533/at.ed.5772019036	

CAPÍTULO 7 66

UM OLHAR PARA AS PESQUISAS BRASILEIRAS SOBRE LETRAMENTO
PROBABILÍSTICO DE 2007 A 2018

Paulo César Oliveira
Sandra Aparecida de Oliveira Coelho Paim
Leandro Aparecido Alves Custódio
Ricardo Campanha Almagro

DOI 10.22533/at.ed.5772019037

CAPÍTULO 8 79

UNIVERSIDADE E INTERCULTURALIDADE: OS ALUNOS HISPANO-AMERICANOS
NA PÓS-GRADUAÇÃO DA UFPA

Débora Alfaia da Cunha
Fernanda Costa da Silva

DOI 10.22533/at.ed.5772019038

CAPÍTULO 9 93

USO DE JOGO DIDÁTICO PARA O LEVANTAMENTO DE CONHECIMENTOS
PRÉVIOS SOBRE CONCEITOS QUÍMICOS

Murilo Alexandre Garcia Silva
Danielle das Chagas Santos
Sergio Antonio Marques de Lima
Gustavo Bizarria Gibin

DOI 10.22533/at.ed.5772019039

CAPÍTULO 10 105

USO DO QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS,
COMPORTAMENTOS E CONTEXTOS PARA UNIVERSITÁRIOS (QHC-
UNIVERSITÁRIOS)

Sérgio Caetano da Silva Junior
Sandra Regina Gimenez-Paschoal

DOI 10.22533/at.ed.57720190310

CAPÍTULO 11 111

UTILIZAÇÃO DO CLASSIFICADOR DE TEMPERAMENTOS E TIPOS DE KEIRSEY
NA ORGANIZAÇÃO, DIAGNÓSTICO E PROGNÓSTICO DE GRUPOS DE
ESTUDANTES DE MEDICINA

Luís Carlos Passarini

DOI 10.22533/at.ed.57720190311

FORMAÇÃO DE PROFESSORES

CAPÍTULO 12 121

A CRIATIVIDADE E AS POTENCIALIDADES DA PRÁTICA NA FORMAÇÃO DE
PROFESSORES – O FAZER ARTÍSTICO

Márcia Aparecida Barbosa Vianna

DOI 10.22533/at.ed.57720190312

CAPÍTULO 13	128
A FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE NO BRASIL: UM PROCESSO EM DISCUSSÃO	
Daniela dos Santos Landazuri Mara Lúcia Ramalho	
DOI 10.22533/at.ed.57720190313	
CAPÍTULO 14	143
A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA PRESENTE NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
Sofia Domingues Carvalhaes Carolina de Souza Oliveira Marina Battistetti Festozo	
DOI 10.22533/at.ed.57720190314	
CAPÍTULO 15	149
AS NARRATIVAS COMO FORMA DE RESSIGNIFICAÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO INICIAL	
Fernanda de Jesus Santos Brito Monique Karine Gomes Luciana Haddad Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.57720190315	
CAPÍTULO 16	163
MUSICALIZANDO A INFÂNCIA: EXPERIÊNCIAS MUSICAIS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE PEDAGOGIA	
Rosyane de Moraes Martins Dutra Gilcyane Farias Reis Giulia Maria Carvalho Guimarães Rayane Costa Viegas	
DOI 10.22533/at.ed.57720190316	
CAPÍTULO 17	169
O EDUCAR E CUIDAR NA EDUCAÇÃO EM CRECHE COM CRIANÇAS PEQUENAS E A PRÁTICA PROFISSIONAL	
Sandra Mara Gonçalves Valença Mara Quaglio Chirelli Silvia Franco da Rocha Tonhom	
DOI 10.22533/at.ed.57720190317	
CAPÍTULO 18	173
PROGRAMA DE APERFEIÇOAMENTO DE ENSINO (PAE) NA FORMAÇÃO DOCENTE: UMA EXPERIÊNCIA DE AVALIAÇÃO FORMATIVA	
Mônica Mitsue Nakano Rosângela Andrade Aukar de Camargo Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.57720190318	

CAPÍTULO 19	181
A FORMAÇÃO CONTINUADA COMO INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO PESSOAL E PROFISSIONAL DO ORIENTADOR DE ESTUDO	
Givaédina Moreira de Souza	
Ana Maria Porto Nascimento	
Ilvanete dos Santos de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.57720190319	
CAPÍTULO 20	189
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: ESTUDO SOBRE AS NECESSIDADES FORMATIVAS NAS PRODUÇÕES PUBLICADAS NO PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES	
Jorge Luis Santana Ludovice	
Luiz Anselmo Menezes Santos	
DOI 10.22533/at.ed.57720190320	
CAPÍTULO 21	201
O ENSINO DE FÍSICA E A DISCIPLINA DE CIÊNCIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL – UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA	
Cesar Vanderlei Deimling	
Natália N. Macedo Deimling	
Roseli Constantino Schwerz	
Adriana da Silva Fontes	
Jaqueline Jora de Vargas	
DOI 10.22533/at.ed.57720190321	
SOBRE O ORGANIZADOR	210
ÍNDICE REMISSIVO	211

ESTRESSE EM ACADÊMICOS DA ÁREA DA SAÚDE: UM ESTUDO DE CARACTERIZAÇÃO

Data de aceite: 11/03/2020

Thaís Cristina Gutstein

Departamento de Psicologia da Universidade
Paranaense UNIPAR

Graciane Barboza da Silva

Departamento de Psicologia da Universidade
Paranaense UNIPAR

Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales
UCES

RESUMO: O presente estudo teve como objetivo mensurar a presença de estresse em estudantes universitários da área da saúde em uma Instituição de Ensino Superior (IES) privada do sudoeste do Paraná. Para atingir o objetivo do estudo, foi aplicado o Inventário de Sintomas de Stresse de Lipp – ISSL (2005) aplicado em 348 estudantes de seis cursos diferentes da área da saúde como Odontologia, Enfermagem, Nutrição, Psicologia, Educação Física e Farmácia. Os resultados sinalizaram a presença de estresse em 54% dos estudantes participantes, atestando que a maioria destes encontra-se na fase de Resistência (42,20%), presente no modelo quadrifásico de Lipp (LIPP, 2005). É importante enfatizar que foram oportunizadas devolutivas sobre os dados às coordenações dos cursos, além de projetos de intervenção em grupos propostos para auxiliar

esses alunos que apresentam altos níveis de estresse.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Estresse; Universitários.

STRESS IN ACADEMICS OF THE HEALTH AREA: A STUDY CHARACTERIZATION

ABSTRACT: The present study aimed to measure the presence of stress in university students in the health area of a private Higher Education Institution (HEI) in the southwest of Paraná State. The objective of the study was applied to the Lipp - ISSL (2005) Stress Symptom Inventory applied to 348 students from six different health care courses such as Dentistry, Nursing, Nutrition, Psychology, Physical Education and Pharmacy. The results show a presence of stress in 54% of the participants, attesting to the majority of them found in the Resistance phase (42.20%), present in Lipp's quadriphasic model (Lipp, 2005). It is important to emphasize that the data on the coordinates of the courses were devolved, as well as intervention projects in groups proposed to assist these students and employees with high levels of stress.

KEYWORDS: Education; Stress; Students.

INTRODUÇÃO

O mundo acadêmico impõe aos indivíduos uma série de mudanças e essas novas situações da vida universitária interferem em seus hábitos de alimentação e de sono, nas suas interações familiares e sociais, nas suas vidas financeiras e, sem dúvida, configuram-se em vivências que impactam substancialmente em suas histórias de vida. Esse contexto configura-se, para a psicologia, como um campo emergente para a atuação do Psicólogo Escolar e Educacional, que, de acordo com Moura e Facci (2016), buscará atuar considerando os diversos atores envolvidos no processo educacional para entender os fenômenos presentes do ensino superior, tendo como desafio atender a essas demandas a partir de análises e intervenções não individualizantes nem fragmentadas. Os autores ainda trazem destaque para essa atuação diante da entrada na universidade, que especifica um período vulnerável em que há o maior índice de evasão. Nesse sentido, o psicólogo poderá atuar no acolhimento dos calouros, trabalhando por meio de grupos de apoio à escolha profissional, às exigências da vida acadêmica e ao compartilhamento de angústias e experiências (MOURA, FACCI, 2016).

De acordo com Malagris et al. (2009), “o processo de aprendizagem não se resume somente ao acadêmico, trazendo também, em seu bojo, os aspectos psicológicos, sociais, econômicos, culturais e de lazer” (p. 186), de modo que o período de vulnerabilidade ocorrido no ingresso do ensino superior se desdobra no choque entre mudanças na vida dos indivíduos, limitações do próprio sistema de ensino e cobrança, pelo modelo econômico-social vigente, por total adaptação e alta produtividade. Essa interação entre processos individuais e sociais impactam nas vivências e produzem as exigências do contexto acadêmico, tal dinâmica tende a gerar reações no organismo dos indivíduos, que passa a responder às mudanças e às novas exigências físicas, sociais e psicológicas como eventos estressores. Nodari, Flor, Ribeiro, Hayasida e Carvalho (2014) definem os estressores como “eventos ou estímulos que afetam o organismo humano sobrecarregando ou excedendo os recursos adaptativos da pessoa, produzindo assim estresse” (p. 62).

Para Nodari et al. (2014), o estresse pode ser entendido como experiência que sobrecarrega a capacidade de adaptação de um indivíduo. Lipp (2005) destaca o estresse como uma reação do organismo a partir de mudanças psicológicas, físicas, neurológicas e hormonais que ocorrem quando há a necessidade adaptativa do indivíduo frente a um evento ou situação de importante. Oliveira et al. (2015, p.2) classificam alguns sinais de estresse que podem ser apresentados, que consistem em “queda da produtividade, desmotivação, irritação, impaciência, dificuldades interpessoais, relações afetivas conturbadas, divórcios, doenças físicas variadas, depressão, ansiedade e infelicidade na esfera pessoal”.

Quem primeiro estudou esse processo foi Selye que, em 1963, definiu o estresse como uma resposta orgânica para situações estressoras, descrevendo esse processo como Síndrome da Adaptação Geral (SAG) (Rosseti et al., 2008). A partir das investigações da SAG, Sayel apresenta as três fases da síndrome: o estágio de alarme, de resistência e de exaustão (Nodari et al., 2014). Lipp (2003; 2005), posteriormente, definiu clínica e estatisticamente uma quarta fase, qual seja, o estágio de quase exaustão, processo que ocorre entre a resistência à exaustão (MALAGRIS, FIORITO, 2006).

O Modelo Quadrifásico de Lipp, de acordo com Nodari et al. (2014), configura-se em um estudo de grande relevância para o Brasil, pois, além de endossar a definição de Selye, amplia a noção dos impactos do estresse e suas implicações biopsicossociais, em termos de saúde e qualidade de vida como nos estudos de Lipp e Malagris (2001; 2004) e Straub (2005). No entanto, as fases de Alerta, Resistência, Quase-Exaustão e Exaustão descritas pelo Modelo Quadrifásico do estresse, proposto por Lipp (2005), apresentam demandas e peculiaridades. A chamada Fase de Alerta corresponde a uma excitação exagerada do organismo produzida por um estímulo estressor, essa fase é vista com um olhar positivo em que há a produção de adrenalina levando a um estado de ânimo e concentração que favorece a realização das atividades.

Se mantida por longos períodos, a Fase de Alerta pode levar o organismo a agir de forma a evitar o desgaste total, entrando, assim, na Fase de Resistência, que consiste na busca do organismo em restabelecer o equilíbrio, adaptando-se ao estímulo estressor ou eliminando-o. Nessa fase, os indivíduos poderão ter prejuízos em seus sistemas imunológicos, ficando mais suscetíveis ao adoecimento (LIPP, 2005). A terceira fase, chamada de Fase de Quase-Exaustão, produz vulnerabilidade do organismo, caracteriza-se pela oscilação entre momentos de desprazer e momentos tranquilos, momentos em que as atividades cotidianas são realizadas sem mais complicações, e outros momentos em que a execução de tais atividades sofre prejuízos, além disso, a produção de cortisol acentuada nessa fase gera efeitos negativos e o aparecimento de doenças (LIPP, 2005). A última e mais prejudicial é a Fase de Exaustão, que ocorre quando há persistência do estímulo estressor, o organismo sofre uma sobrecarga, manifestando o estresse por meio de doenças orgânicas. A Fase de Exaustão é considerada patológica, pois o desequilíbrio impede que a pessoa continue sua vida, e doenças como depressão, pressão alta e úlceras podem aparecer (Lipp, 2005).

Para Lima, Soares, Prado e Albuquerque (2016), existem uma série de fatores que podem favorecer a produção de estresse no indivíduo como a qualidade de vida, a situação financeira em que a pessoa se encontra, sua vida pessoal e vida social. Esses aspectos são considerados áreas de influência e devem ser levados em conta

na identificação da presença de estresse, ou seja, deve-se analisar o indivíduo em relação às suas rotinas e hábitos, as suas relações sociais e a sua história de vida para entender a dimensão e o impacto dos eventos estressores. Cada fase do estresse traz diferentes sintomas para o estudante, atingindo cada indivíduo de forma diferente.

Sobre o estresse pensado no contexto universitário, Bardagi e Hutz (2011) afirmam que estudos ainda são recentes e escassos. Nodari et al. (2014) apontam que o principal questionamento sobre estudos que relacionam estresse aos diversos contextos gira em torno dos fatores físicos, psicológicos e sociais. Especificamente a vida acadêmica demanda a adaptação a um novo estilo de vida, em interação com mudanças produzidas pela etapa de desenvolvimento em que os universitários se encontram e de nível de ensino, o que corrobora para o desenvolvimento dos sintomas de stress (LAMEU, SALAZAR, SOUZA, 2015).

Estudos brasileiros que reproduziram pesquisas internacionais como o de Baptista e Souza (2000) apresentaram índices de presença de estresse iguais ou superiores a 40% das amostras pesquisadas, bem como a correlação positiva entre estresse e depressão, que lança luz sobre o possível prejuízo à saúde mental e ao aproveitamento da experiência acadêmica. Nesse sentido, Almeida e Soares (2003) e Aguiar et al. (2009) chamam atenção para a complexidade e os desafios que as tarefas do ambiente universitário impõem aos alunos, que, muitas vezes, são vivenciadas como fatores geradores de ansiedade e potenciais estressores.

O fenômeno do estresse no contexto acadêmico foi vislumbrado por estudos anteriores (Torquato, Goulart, Vicentin & Correa, 2010; Borine, Wanderley & Bassitt, 2015; Lameu et al., 2015;), identificando prevalência, avaliando condição e verificando a interação do estresse com outros fatores (MALAGRIS et al., 2009; BAPTISTA, SOUZA 2000; ALMEIDA, SOARES 2003; AGUIAR et al., 2009).

O presente estudo possui caráter quantitativo, relacionando a possível presença de estresse com outras variáveis presentes do cotidiano do estudante para responder a perguntas como: há estresse no meio acadêmico? Se sim, em qual fase a maioria dos alunos se encontram? Quais os fatores presentes no dia a dia que podem se tornar eventos disparadores do estresse neste indivíduo?

Malagris et al. (2009) apontam que o estresse é uma variável relevante de estudo por compor prejuízos à qualidade de vida, além disso, os autores afirmam que estudos do fenômeno de estresse no contexto acadêmico são pontos de partida para o desenvolvimento de programas de atenção que objetivem a melhoria da qualidade de vida e do rendimento acadêmico desse grupo. Este estudo buscou caracterizar a existência ou não do estresse entre estudantes, identificando a prevalência das fases de acordo com modelo quadrifásico de Lipp (2005)

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal e descritivo, desenvolvido no ano de 2017 em uma universidade particular no sudoeste do Paraná, envolvendo uma amostra de 348 acadêmicos da área da saúde. A pesquisa objetivou a identificação dos níveis de estresse nos estudantes e englobou participantes dos segundos (40%) e terceiros anos (60%) dos cursos de Educação Física (11,2%), Enfermagem (15,8%), Farmácia (11,2%), Nutrição (7,8%), Odontologia (27,3%) e Psicologia (26,7%), sendo que, destes, 77% se identificaram como gênero feminino e 23% como gênero masculino.

A amostra foi escolhida por conveniência e considerou critérios de exclusão, sendo esses a não participação voluntária, a desistência e a falta de respostas em algumas questões. Os universitários que participaram da pesquisa foram abordados em sala de aula, durante o período das atividades em classe, sendo informados sobre os aspectos pertinentes à pesquisa e orientados quanto à participação facultativa, tendo suas dúvidas esclarecidas. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O Inventário de Sintomas de Stress de Lipp - ISSL (LIPP, 2005) foi utilizado como instrumento de coleta de dados. O ISSL foi validado em 1994 por Lipp e Guevara e permite a realização de um diagnóstico mais preciso do estresse, determinando a fase em que a pessoa se encontra e sua sintomatologia. O inventário possui quadros com questões que listam os sintomas típicos de cada fase, sendo esses sintomas físicos e psicológicos (LIPP, 2005).

O modelo quadrifásico do stress, proposto por Lipp (2003; 2005), é recente, uma vez que adiciona uma quarta fase. Nele descreve-se a Fase de Alerta como positiva, pois o indivíduo torna-se mais atento e motivado. A Fase de Resistência surge após a exposição prolongada dos estímulos estressores, aqui o organismo tenta restabelecer o equilíbrio quebrado na fase anterior. Na Fase de Quase-Exaustão, a tensão excede as capacidades de adaptação, deixando o organismo vulnerável ao surgimento de doenças. A Fase de Exaustão é mais patológica, em que o desequilíbrio do organismo é grande, as doenças orgânicas e graves podem acometer o indivíduo (Lipp, 2005). Os dados foram digitalizados e as análises estatísticas obtidas por meio do software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) 21.0 para Windows. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa da UNIPAR – Parecer nº 2.052.864 e se pauta nos princípios e normas estabelecidas na Resolução nº 466/2012.

RESULTADOS

Conforme pode ser observado na figura 1 os dados obtidos na pesquisa em questão apontam para a presença de estresse na amostra analisada, sendo que 54% (n=189) dos estudantes que responderam instrumento apresentou estresse,

estando estes distribuídos nos seis cursos, já citados, da área da saúde.

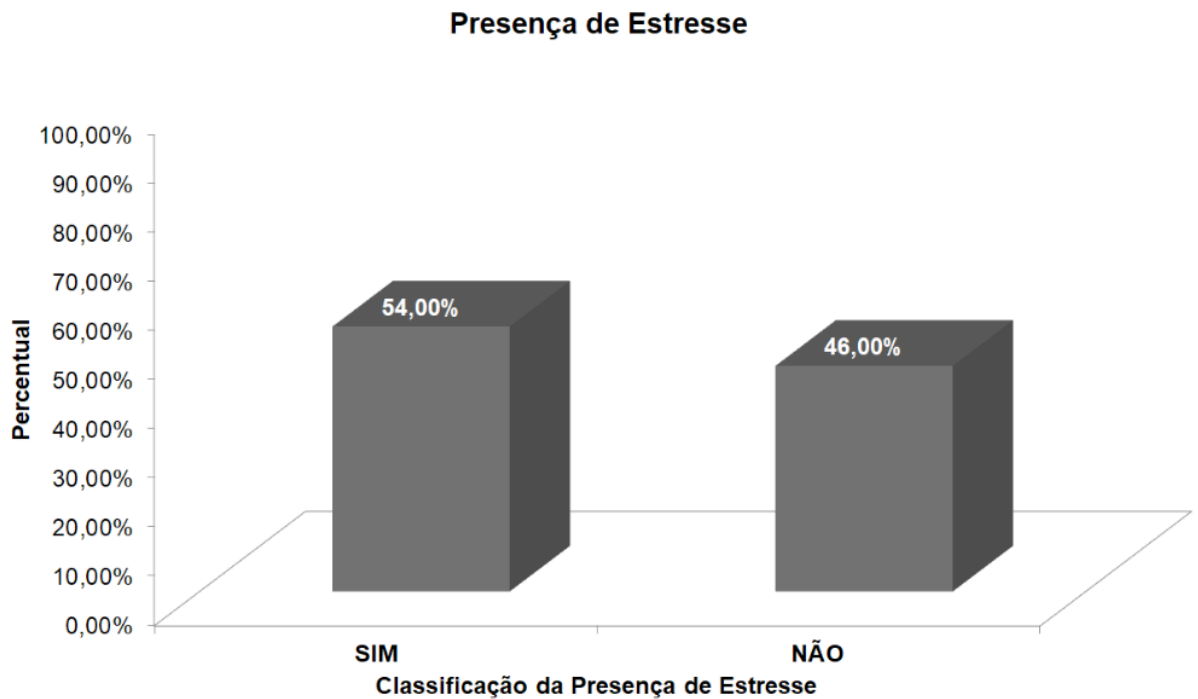


Figura 1. Gráfico da Classificação da Presença de Estresse

Dentre as fases já explicitadas anteriormente a figura 2 aponta a fase de Resistência como as que apresentam porcentagem superior, caracterizando 42,20% (n=147) do total de alunos pesquisados, seguida pela fase de Quase-Exaustão, totalizando 8,30% (n=29); fase de Alerta com resultados de 2,90% (n=10) e, por último, com 0,90% (n=3), a fase de Exaustão. Esta última apresenta sintomatologia mais grave e incidência significativa nos acadêmicos que responderam à pesquisa, pois, apesar de apresentar porcentagem inferior às demais, acarreta consequências mais graves para o indivíduo, sendo, conforme já explicitado, considerado estresse patológico manifesto por meio de doenças orgânicas. Totalizando a amostra, 46% (n=159) dos acadêmicos não possuem estresse, não sendo caracterizados em nenhuma das fases do modelo quadrifásico.

PREDOMINÂNCIA DAS FASES DE ESTRESSE

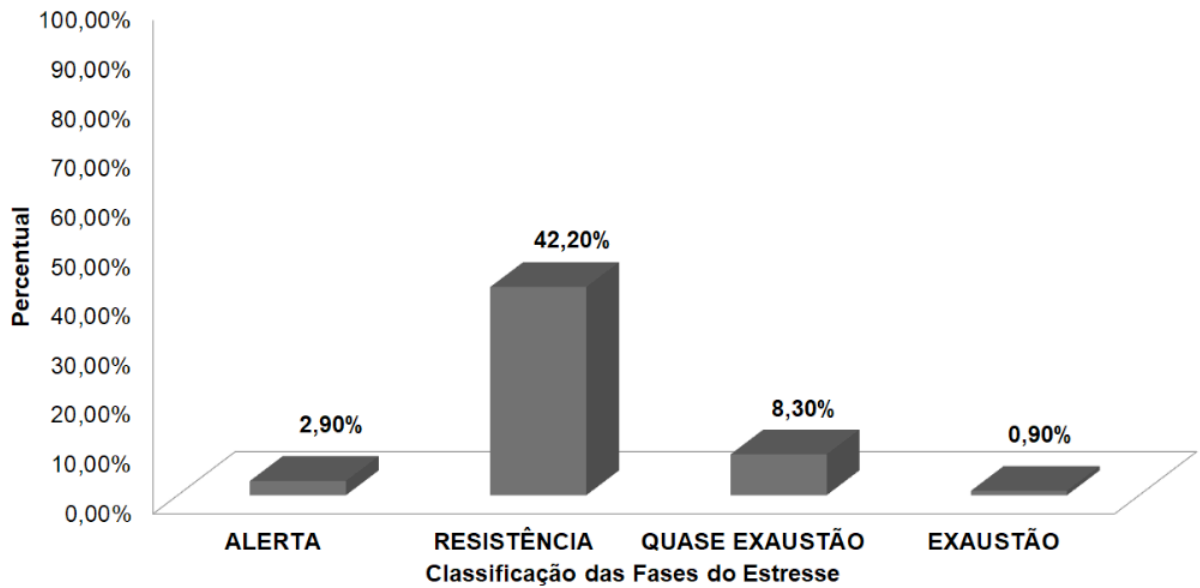


Figura 2. Gráfico da Classificação das Fases do Estresse

DISCUSSÃO

Os estudos sobre estresse acadêmico, de acordo com Bardagi e Hutz (2011), ainda são escassos, restringindo-se à área da saúde, observando uma maior preocupação com essa fase de formação, o que vem ao encontro com a pesquisa realizada neste trabalho. Nesse sentido, a psicologia em atuação no ensino superior pode contribuir em relação à compreensão dos fenômenos, por meio de uma análise e intervenção não individualizante nem fragmentada, que não seja comprometida com o modelo tradicional, não como mera produtora e reprodutora do modelo social que patologiza o indivíduo sem olhar para os processos que estão relacionados a essas dificuldades (MOURA, FACCI, 2016).

Diante dos resultados, foi possível perceber que há certa vulnerabilidade para o desenvolvimento de estresse no público universitário, notada pelo percentual da amostra que possui os sintomas de estresse (54%), sendo o gênero feminino mais suscetível ao desenvolvimento de estresse, com 58,4% da amostra feminina apresentando sintomas. Os resultados da amostra feminina corroboram com os resultados apresentados por Bardagi e Hutz (2011) que, em um estudo de revisão literária, apontam a vulnerabilidade feminina expressa pelos índices de presença de estresse iguais ou superiores a 40%.

Quanto aos resultados da amostra geral, os dados identificados corroboram com o estudo realizado por Lameu et al. (2015), em que foram identificados índices de 50% em relação à presença de estresse no estudo aqui apresentado foi de 54%, com maior predominância de estresse na fase de Resistência, 41,20% no estudo

de Lameu et al., (2015) e 42,2% no estudo aqui apresentado. O resultado também corrobora com o estudo de Mondardo e Pedon (2005), que identificou que a maioria dos estudantes da amostra encontra-se na Fase de Resistência (79%), seguido da Fase Quase-Exaustão (19%), com o restante da amostra, 1%, distribuída nas demais fases.

Os resultados também se assemelham à pesquisa realizada por Aguiar et al. (2009), que pesquisaram o estresse em estudantes de medicina, encontrando 49,7% e com maior predominância na fase de Resistência. Os mesmos autores ratificam a identificação da prevalência de sintomas psicológicos frente aos físicos, o que difere do resultado encontrado por Milsted, Amorim e Santos (2009), cuja pesquisa distinguiu 64,28% de sintomas físicos frente aos 26,19% dos psicológicos, embora eles sejam equivalente em 9,52% dos casos.

É importante ressaltar que, na fase de Resistência, há prejuízos no sistema imunológico acentuando a vulnerabilidade a vírus e bactérias, baixa na produtividade dos indivíduos acometidos por essa fase tende, e tais sintomas como consequências da busca do organismo em restabelecer seu equilíbrio neuropsicológico. É nesse momento que o organismo busca resistir aos eventos estressores, para que seu quadro não evolua. A hipótese para o alto índice de acadêmicos na fase de resistência não só no estudo aqui apresentado, mas nos demais estudos que corroboram com o resultados aqui identificados (42% da amostra), é de que as demandas acadêmicas como leituras, trabalhos, provas e demais atividades passam a interferir no cotidiano dos indivíduos em suas hábitos de sono, alimentação e lazer, o que acarreta desequilíbrios no organismo, que tendem a ser mais ou menos acentuados a depender da sazonalidade da demanda que pode ser maior ou menor no decorrer do ano letivo (LIPP, 2005).

O elevado número de estresse nos estudantes de Enfermagem proporcionou o levantamento de discussões por Mota et al. (2016), em que seus resultados assemelham-se à presente pesquisa, que constatou a presença de estresse em 63,6% dos discentes de enfermagem. Um alto nível de estresse, em estudantes desse curso, também foi relatado por Cestari, Barbosa, Florêncio, Pessoa e Moreira (2017).

Evangelista, Hortense e Souza (2004) desenvolveram um estudo específico sobre estudantes de enfermagem identificando a magnitude de eventos estressores, verificando aspectos como falta ou desorganização do tempo, falta de motivação, excesso de provas e trabalhos, conflitos com colegas e/ou professores, mau desempenho, problemas financeiros na aquisição de materiais, equipamentos ou outras necessidades, falta de ligação dos conteúdos com a prática, entre outros. Costa e Polak (2009), num estudo de desenvolvimento de um instrumento de avaliação específico para estudantes de enfermagem, identificaram eventos estressores

classificados em seis possíveis fontes, denominados domínios: realização das atividades práticas, comunicação profissional, gerenciamento do tempo, ambiente, formação profissional e atividade teórica.

Bardagi e Hutz (2011), em seu estudo revisional sobre pesquisas em estresse no Brasil, apontam para o consenso de que fontes de estresse podem ser bastante particulares dependendo do curso ou área de estudos, e que os resultados já identificados em amostras de estudantes da área da saúde identificam que habilidades pessoais, controle interno, resiliência e compromisso com a carreira podem agir como fatores facilitadores do manejo do estresse. Esse argumento é corroborado por Mondardo e Pedon (2005), que pontuam os efeitos do estresse são ligados a diversos fatores, como frequência, intensidade e duração dos estímulos estressores e habilidades individuais como psicológicas, cognitivas, afetivas, biológicas e sociais.

Os resultados confirmaram a hipótese de que há estresses no contexto acadêmico que partem das novas exigências trazidas por essa nova organização de vida, que traz o aumento do nível de exigência em termos de ensino aprendizagem e que as atividades acadêmicas são fontes de estresse (MONDARDO, PEDON, 2005; AGUIAR et al., 2009; BARDAGI, HUTZ, 2011).

É apontado por Bardagi e Hutz (2011) como sugestão, frente ao cenário de estresse no contexto acadêmico apontado pelas pesquisas, o desenvolvimento e a aplicação de políticas educacionais para o desenvolvimento de habilidades que facilitem ao estudante o manejo do estresse, e, nesse ponto, o psicólogo escolar em atuação no ensino superior surge como um potencial ator. Essa atuação pode relacionar-se a ações que busquem auxiliar os acadêmicos no processo de adaptação por meio de orientação e acompanhamento, recepção e acolhimento, bem como atuar na formação de professores pensada sob esses aspectos (MOURA, FACCI, 2016).

CONCLUSÃO

O estudo aqui apresentado não integrou a análise de marcadores para além da identificação dos sintomas da presença de estresse, suas fases e classe dos sintomas, o que acaba por limitar a investigação em um caráter mais exploratório. Esse entrave exige que, para a obtenção de um entendimento mais completo e claro das reais particularidades da amostra, sejam empreendidos estudos mais abrangentes, capazes de fornecer dados suficientes para enriquecer a compreensão profissional e fundamentar novas discussões. De forma que a argumentação de Bardagi e Hutz (2011) aplica-se a este estudo, uma vez que os dados aqui apresentados não podem ser generalizados à população universitária do Brasil, contudo, os resultados deste estudo foram compatíveis com anteriores a exemplo de Evangelista et al. (2004), Mondardo e Pedon (2005), Costa e Polak (2009), Aguiar et al. (2009), Bardagi e

Hutrz (2011), Moura e Facci (2016), Lameu et al. (2015) e Cestari et al. (2017).

A partir dos resultados foi possível observar que o estresse faz parte do meio acadêmico da grande maioria dos indivíduos (54% da amostra) e que medidas devem ser tomadas para a prevenção dos que se encontram nas fases de Alerta (2,90%), Resistência (42,20%), Quase-Exaustão (8,30%) e Exaustão (0,90%), esta última já configurando um nível patológico do estresse. Diante disso, é importante a ação da instituição de ensino em termos de apoio à população acadêmica, possibilitando prevenção, contenção e diminuição dos impactos negativos do estresse sobre a vida dos universitários e, conseqüentemente, na qualidade de vida. Nesse sentido, busca-se não evitar que eventos estressores ocorram, ou que sintomas do estresse surjam, mas sim que estes sejam melhores manejados pelos estudantes, possibilitando melhor adaptabilidade sem prejuízos físicos, psicológicos, sociais ou acadêmicos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. S., & SOARES, A. P. **Os estudantes universitários: Sucesso escolar e desenvolvimento psicossocial.** In E. Mercuri & S. A. J. Polydoro (Orgs.). *Estudante universitário: Características e experiências de formação.* Taubaté: Cabral, 2003. p. 15-40
- AGUIAR, S. M., VIEIRA, A. P. G. F., VIEIRA, K. M. F., AGUIAR, S. M., & NÓBREGA, J. O. Prevalência de sintomas de estresse nos estudantes de medicina. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 58, p. 34-38. 2009. doi: S0047-20852009000100005.
- BARDAGI, M. P., HUTRZ, C. S. Eventos estressores no contexto acadêmico: uma breve revisão da literatura brasileira. *Interação em Psicologia*, Curitiba, v. 15, n. 1, p. 111-119 out. 2011 ISSN 1981-8076. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/17085/16424>>. Acesso em: 07 set. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/psi.v15i1.17085>.
- BORINE, R. C. C.; WANDERLEY, K. S.; BASSITT, D. P. Relação entre a qualidade de vida e o estresse em acadêmicos da área da saúde. *Est. Inter. Psicol.*, Londrina, v. 6, n. 1, p. 100-118, jun. 2015 Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072015000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 set. 2018.
- COSTA, A. L. S.; POLAK, C. Construção e validação de instrumento para Avaliação de Estresse em Estudantes de Enfermagem (AEEE). *Rev. esc. enferm. USP*, São Paulo, v. 43, n. spe, p. 1017-1026, Dec. 2009. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342009000500005&lng=en&nrm=iso>. access on 07 Sept. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342009000500005>
- EVANGELISTA, R. A.; HORTENSE, P.; SOUSA, F. A. E. F. Estimção de magnitude do estresse, pelos alunos de graduação, quanto ao cuidado de enfermagem. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 12, n. 6, p. 913-917, Dec. 2004. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692004000600010&lng=en&nrm=iso>. access on 07 Sept. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692004000600010>.
- LAMEU, J. N.; SALAZAR, T. L.; SOUZA, W. F. Prevalência de sintomas de stress entre graduandos de uma universidade pública. *Psicol. educ.*, São Paulo, n. 42, p. 13-22, jun. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752016000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 set. 2018. <http://dx.doi.org/10.5935/2175-3520.20150021>
- LIMA, R. L. et al. Estresse do Estudante de Medicina e Rendimento Acadêmico. *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 4, p. 678-684, Dec. 2016. Available from <<http://www.scielo.br/>

scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022016000400678&lng=en&nrm=iso>. access on 07 Sept. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v40n4e01532015>.

LIPP, M. E. N. O modelo quadrifásico do stress. p. 17-21, In M. E. N. Lipp (Org.). **Mecanismos neuropsicofisiológicos do stress**: teoria e aplicações clínicas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, 227 p.

LIPP, M. N. Manual do Inventário de Sintomas de Estresse de Lipp. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. 76 p.

LIPP, M. E. N.; MALAGRIS, L. E. N. (2001). O stress emocional e seu tratamento. p.475-490 In: BERNARD, R. (Org.). **Psicoterapias cognitivo-comportamentais**: Um diálogo com a psiquiatria. Porto Alegre: Artmed, 2001, p 800.

LIPP, M. E. N.; MALAGRIS, L. E. N. O stress no Brasil de hoje. p. 215-222 In: LIPP, M. N. (Org.). O stress no Brasil: pesquisas avançadas. Campinas: Papirus, 2004, p. 224.

MALAGRIS, L. E. N.; FIORITO, A. C. C. Avaliação do nível de stress de técnicos da área de saúde. **Estud. psicol.** (Campinas), Campinas, v. 23, n. 4, p. 391-398, Dec. 2006. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2006000400007&lng=en&nrm=iso>. access on 07 Sept. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2006000400007>.

MALAGRIS, L. E. N. et al. Níveis de estresse e características sociobiográficas de alunos de pós-graduação. **Psicol. rev.** (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 184-203, ago. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682009000200012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 set. 2018.

MILSTED, J. G., AMORIM, C. & SANTOS, M. Nível de estresse em alunos de Psicologia do período noturno. In: **Anais do Congresso nacional de educação – EDUCERE e III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**, Curitiba, Brasil, 26-29 out. 2009 pp. 190-202.

MONDARDO, M. A., PEDON, A. E. Estresse e desempenho acadêmico em estudantes universitários. **Revista de Ciências Humanas e Educação**, 6, p.2-21, 2005. Recuperado de: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistadech/article/view/262/480>.

MOTA, N. I. F. et al. Estresse entre graduandos de enfermagem de uma universidade pública. SMAD, **Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** (Ed. port.), Ribeirão Preto, v. 12, n. 3, p. 163-170, set. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762016000300005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 set. 2018. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.v12i3p163-170>.

MOURA, F. R.; FACCI, M. G. D. A atuação do psicólogo escolar no ensino superior: configurações, desafios e proposições sobre o fracasso escolar. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 20, n. 3, p. 503-514, Dec. 2016. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572016000300503&lng=en&nrm=iso>. access on 07 Sept. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539201502031036>.

NODARI, N. L. et al. Estresse, conceitos, manifestações e avaliação em saúde: Revisão de literatura. **Revista Saúde e Desenvolvimento Humano**, 2, 61-74, 2014. doi: 10.18316/1543.

OLIVEIRA, H. F. R. et al. Estresse e qualidade de vida de estudantes universitários. **Revista do Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida**, 7, 1-8, 2015. Recuperado de: <http://www.cpaqv.org/revista/CPAQV/ojs-2.3.7/index.php?journal=CPAQV&page=article&op=view&path%5B%5D=77&path%5B%5D=67>.

ROSSETTI, M. O. et al. O inventário de sintomas de stress para adultos de lipp (ISSL) em servidores da Polícia Federal de São Paulo. **Rev. bras.ter. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 108-120, dez. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-

56872008000200008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 set. 2018.

STRAUB, R. O. **Psicologia da saúde**. Porto Alegre: Artmed, 2005. 676 p.

TORQUATO, J. A., GOULART, A., VICENTIN, P., & CORREA, U. Avaliação do estresse em estudantes universitários. **Revista Científica Internacional**, 3, p.140-154, 2010. Recuperado de: <http://www.interscienceplace.org/isp/index.php/isp/article/view/142/141>.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Avaliação 8, 10, 11, 12, 15, 19, 39, 44, 45, 51, 52, 53, 78, 79, 81, 85, 89, 90, 93, 96, 100, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 139, 151, 173, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 204

C

Cooperação internacional 79, 81, 82, 83, 91

Cuidar 119, 166, 167, 169, 170, 172

Curso de pedagogia 30, 33, 37, 38, 40, 41, 129, 130, 141, 154, 163, 167

D

Didática 22, 36, 74, 117, 125, 127, 133, 134, 137, 168, 180

E

Educação a distância 30, 31, 41, 128, 136, 139

Educação básica 31, 41, 42, 52, 66, 68, 76, 125, 128, 130, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 149, 151, 187, 194, 197, 199, 201

Educação estatística 66

Educação infantil 31, 37, 103, 130, 136, 137, 139, 154, 155, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 172

Educação superior 31, 42, 43, 51, 52, 53, 54, 55, 81, 83, 91, 130, 131, 138, 141, 180

Educar 94, 95, 158, 167, 169, 170, 172

Ensino 1, 2, 4, 7, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 22, 29, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 65, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 84, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 108, 111, 113, 116, 119, 120, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 145, 146, 147, 148, 150, 152, 154, 155, 157, 160, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 173, 174, 175, 178, 179, 180, 182, 188, 190, 191, 192, 194, 196, 197, 199, 201, 202, 203, 204, 207, 208, 209

Ensino de artes 121

Ensino de química 13, 15, 16, 20, 94, 103, 104

Estágio 3, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 127, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 163, 165, 166, 167, 168, 173, 174, 175, 176, 179

Estágio supervisionado 36, 37, 143, 145, 148, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 163, 165, 167, 173, 174, 175, 176, 179

Estágio supervisionado em docência 163, 173, 174, 175, 176, 179

Estresse 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12

Experimentação 13, 14, 16, 17, 19, 20, 32, 51, 68, 183, 203

F

Fazer artístico 121, 125, 126

Formação continuada 138, 140, 161, 181, 182, 183, 185, 187, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 208

Formação de professores 9, 31, 41, 43, 51, 127, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 158, 161, 175, 180, 183, 184, 185, 187, 188, 195, 199, 201, 203, 208, 209

Formação docente 128, 129, 130, 131, 134, 136, 137, 138, 139, 151, 173, 174, 179, 180, 188, 190, 191, 195, 196, 197, 198

Formação inicial 30, 31, 40, 41, 70, 76, 86, 128, 129, 130, 131, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 147, 149, 151, 152, 153, 158, 161, 184, 185, 187, 197

Formação inicial de professores 130, 131, 138, 143, 147

H

História da formação inicial docente 129

I

Imigração temporária 79

L

Letramento probabilístico 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77

Ludicidade 94

M

Matemática 15, 66, 70, 71, 72, 76, 77, 78, 103, 104, 121, 124, 125, 134, 141, 183, 202, 208

Mediação 97, 98, 121, 125, 126, 151, 167, 186, 203

Memorial de formação 149

Modelos histológicos 21, 22, 23

Música 163, 164, 165, 166, 167, 168

N

Narrativas 149, 150, 151, 153, 154, 155, 161, 181, 182, 186

Necessidade 2, 42, 48, 49, 54, 64, 66, 79, 82, 91, 98, 113, 125, 135, 137, 138, 151, 156, 168, 169, 171, 173, 176, 177, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 198, 201, 202

P

Pesquisa (auto)biográfica 181

Pesquisa científica 13, 103

Polímeros 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20

Pós-graduação 11, 42, 52, 53, 77, 79, 80, 81, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 103, 104, 105, 128, 149, 151, 169, 174, 175, 180, 185

Práxis 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 46, 49, 51, 143, 147, 148, 197, 200

Práxis educativa 30, 40, 41, 49

Profissionalização 132, 135, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 200

Q

Quiz 93, 94, 98, 99, 100, 102

S

Supervisão educacional 42, 43, 46, 47, 50, 52, 53, 54, 55, 56

T

Tecnologia 52, 60, 65, 77, 83, 84, 93, 113, 121, 123, 124, 125, 126

U

Universitários 1, 4, 5, 10, 11, 12, 80, 87, 98, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 124, 125, 126

 **Atena**
Editora

2 0 2 0